

Editorial

**Maria Laura Bettencourt Pires¹,
Universidade Católica Portuguesa,
Sociedade Científica**

"Feliz o homem que encontrou a sabedoria e alcançou o entendimento, porque a sabedoria vale mais do que a prata e dá mais lucro do que o ouro."
Provérbios 3.13²

O texto de abertura de uma publicação é tradicionalmente escrito pelo Editor, ou Director, e, em princípio, reflecte a sua opinião sobre o conteúdo da revista, ou jornal e não tem como objectivo relatar factos. É, geralmente, publicado na primeira página e designado como Editorial. Segundo as definições encontradas nos dicionários, "editorial" é um substantivo que data do século XX e que designa um texto que transmite por escrito o resultado de uma reflexão, ideias ou sentimentos e é difundido por processos mecânicos, ou fotomecânicos, e comunicado ao público leitor, usando o suporte da escrita. No nosso caso, surge no ecrã do computador, tendo em consideração as noções correlativas da difusão e conservação (por se desejar expandir o texto e conservá-lo para se voltar a ler, sempre que se quiser). Os editoriais podem, eventualmente, promover considerações críticas e influenciar a opinião dos leitores e até incentivá-los a actuarem em relação a determinado assunto.

¹ Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos e Directora da Revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Entre as suas actividades destacam-se: a docência (Estudos de Cultura, Gestão Cultural e Cultura Americana) e a coordenação (cursos de Mestrado e Doutoramento; Secção Ciências Sociais e Políticas da Sociedade Científica; Projectos de Investigação do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura: "Epistemological Theories-Ways of Seeing the World", 2011--; "Cultural Wars, Public Intellectuals and the Making of Citizenship", 2007-2009; "New York- From Topos to Utopos", 2003-2007); Estudos Europeus na Universidade Aberta, 1999-2002; Curso *What's Europe?* da European Association for Distance Teaching Universities, 1998-2002; Depart. História das Ideias, Univ. Nova, 1993-4). Ensinou também nas Universidades: Nova e Aberta e, nos Estados Unidos, Georgetown, Brown e Fairfield. Foi *Gulbenkian Fellow*, "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellowship", 1991; *Fulbright Scholar* e *Visiting Researcher* em Georgetown University, 1989-90. Publicações: *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship*, (co-editora) 2011, *Intelectuais Públicas Portuguesas-As Musas Inquietantes* (2010); *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2010, ²2006; ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas e enciclopédias.

² Todas as citações são retiradas da *Bíblia Sagrada* (Edição Pastoral), Sociedade Bíblica Católica Internacional, ⁶2009.

Editorial

Seguindo esta tradição, como Directora da *Gaudium Sciendi*, neste Editorial irei começar por fazer uma breve descrição da Revista electrónica e uma reflexão sobre o seu título. Por outro lado, visto que a Revista está aberta à colaboração científica, gostaria também de induzir os leitores a colaborarem com artigos e recensões, a participarem nos debates e a darem sugestões sobre temas para os próximos números.

Com o objectivo de descrever a Revista, podemos dizer que se trata de uma publicação da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, acessível electronicamente e que contém artigos sobre diversos temas - tais como religião, artes, humanidades, ciências, música e direito - que são relativos a um amplo leque de disciplinas académicas. Incentivam-se os colaboradores a enviarem textos baseados em investigações realizadas recentemente, assim como contribuições de uma natureza mais analítica ou reflexiva e comprometemo-nos, igualmente, a procurar publicar originais com os mais altos níveis de erudição e a incluir matérias que sejam de interesse e utilidade para um público mais vasto. Alguns dos números poderão ser temáticos, ou dedicados a tópicos especiais, sendo então convidados para fazer o artigo de fundo personalidades reconhecidas no mundo académico como especialistas no tema.

Todos os artigos enviados para publicação serão sujeitos a arbitragem (*peer review*) por dois académicos peritos na matéria, que permanecerão anónimos, servindo os seus comentários de orientação na decisão final a tomar sobre a aceitação ou recusa dos textos.

Com o objectivo de dar algumas indicações sobre o conteúdo da Revista, irei começar por reflectir sobre os dois elementos que constituem o seu título *Gaudium Sciendi*, que podemos traduzir livremente como "A Alegria do Saber" ou "O Gáudio do Conhecimento". Alegria e conhecimento são dois conceitos que têm evoluído e sido objecto de análise desde sempre e que não se deveriam separar, pois estão presentes tanto na história intelectual como na literária, desde Aristóteles, da Bíblia e dos trovadores provençais (que designavam como *joi* a exaltação causada pelo amor) até à cultura contemporânea e em obras literárias e artísticas que vão da Reforma ao Romantismo e que testemunham como a percepção do conceito foi evoluindo tanto na história das ideias como na literatura e até no cinema.

Ao tentar definir *Gaudium* (alegria ou regozijo), verifico que se trata de uma resposta emocional que ratifica algo - que, eventualmente, surge como uma surpresa - e é considerado como um bem, sendo seus antónimos a tristeza e a dor. A alegria é uma experiência de reunião ou de realização,

Editorial

de desejo, pelo menos momentaneamente satisfeito, ou de algo de bom que vai acontecer em breve. Aristóteles, que tanto falou sobre a regulamentação das paixões, enfatizou a importância educativa e cívica da alegria e considerava que os cidadãos ficavam ligados quando se alegravam pelas mesmas coisas. Sabemos, no entanto, que se pode sentir gáudio com atitudes ou acções malévolas e que a alegria pode ser invocada por propagandistas com bons ou maus objectivos, tal como aconteceu na Alemanha quando os nazis pretendiam controlar todas as actividades das pessoas, incluindo os seus tempos livres, e utilizavam o *slogan* "Kraft durch Freude" (Força através da Alegria) em que incluíam a palavra alegria com o intuito de aliciarem todos a participar. Em contrapartida, no campo da literatura, basta pensarmos em Friedrich Schiller e no seu hino à "alegria do mundo", intitulado "*Ode An die Freude*" (1785), e no inesquecível primeiro verso em que lemos: "Freude, schöner Götterfunken" para vermos como a alegria pode contribuir para celebrar entusiasticamente a harmonia e a união de toda a humanidade.

É também de referir que, na área da música, a ode de Schiller inspirou Beethoven que a incluiu no movimento final da sua extraordinária Sinfonia nº 9³, que veio a ser adaptada para o hino da União Europeia em 1985. Schubert também contribuiu para representar musicalmente o conceito de alegria e, igualmente inspirado pelo poema de Schiller, em 1815, compôs um *lied* em que conjuga música e poesia e transmite a intensidade expressiva da ode e que intitulou "An die Freude", (D.189, Op.111 No.1). Anteriormente, Mozart tinha já querido celebrar o gáudio e o regozijo quando, em 1767, compôs uma canção para piano e soprano com o título "An die Freude: Freude, Königin der Weisen" (K. 47e) na qual musicou um texto do poeta Johann Peter Uz que une a noção de alegria à do conhecimento ao designá-la como "Alegria, rainha dos sábios".

Por outro lado, e lembrando-nos de novo que o conceito da alegria pode ser utilizado para fins maléficos, vemos que no século XX, na área da literatura, Anthony Burgess, na sua conhecida novela distópica intitulada *A Clockwork Orange* (1962)⁴, recorre à audição do hino à alegria da 9ª Sinfonia de Beethoven como parte de uma forma de terapia de aversão que condiciona o herói contra a violência mas o impede para sempre de ouvir a música clássica, que ele tanto apreciava. No contexto do cinema, Stanley Kubrick, na sua notável versão fílmica do romance de Burgess, a

³ Trata-se, como é sabido, da famosa Nona Sinfonia em ré menor, Op. 125 (1824), que é uma sinfonia coral para orquestra, com quatro solistas e um coro.

⁴ *A Clockwork Orange*, London: Ballantine Books, 1971.

que também deu o título de *A Clockwork Orange* (1971), tornou ainda mais popular esta mesma noção.

Recuando no tempo, podemos considerar que a história da alegria seria nitidamente diferente no Ocidente se a palavra "alegria" (em Grego *χαρά*) e o verbo "alegrar-se" (em Grego *χαίρω*) não surgissem com tanta frequência tanto nos Evangelhos como nas Epístolas. Alguns teólogos afirmam mesmo que a Bíblia contém uma mensagem centrada na alegria que apresenta a comunhão permanente com Deus como a mais completa e suprema realização do desejo dos homens por uma participação alegre na vida.

Ao reflectirmos sobre *Sciendi*, o segundo elemento do título da nossa Revista, vemos que a sabedoria corresponde a uma compreensão profunda e a uma capacidade de realização das pessoas, factos, acontecimentos ou situações, que resulta na competência de aplicar percepções, avaliações e acções, de acordo com essa mesma compreensão. Requer muitas vezes que controlemos as nossas reacções emocionais (designadas frequentemente como paixões) de modo a que os princípios universais, a razão e o conhecimento prevaleçam para determinar as nossas acções. Sabedoria é também a compreensão do que é verdadeiro, ou certo, em conjunto com uma avaliação óptima em relação à acção. Sagacidade, discernimento ou perspicácia são sinónimos de sabedoria assim como conhecimento e saber. A palavra sapiência deriva do Latim *sapientia* e também significa sabedoria e está relacionada com o verbo *sapere*, cujo significado é saber e ser sensato. Uma definição filosófica básica de sabedoria, mas que é geralmente aceite, corresponde a "fazer o melhor uso possível do conhecimento".

Recuando ainda até à Antiguidade, verificamos que os antigos Gregos consideravam a sabedoria como uma virtude importante, que era personificada por Atena, a deusa da sabedoria, da coragem, da inspiração e da cultura - assim como da guerra, da força, da estratégia, das artes e da justiça - que foi designada pelos Romanos como Minerva. *Σοφία*, que é a palavra grega para sabedoria, é uma das ideias centrais para a filosofia helenista. Para Sócrates e Platão, como se vê nos *Diálogos*, especialmente em *A República*, a filosofia era, literalmente, o amor da sabedoria (*philo-sophia*). Na utopia proposta por Platão, os governantes eram os "reis-filósofos" que compreendiam a Forma ou Ideia do Bem (*τοῦ ἀγαθοῦ ἰδέαν*), correspondente ao supremo objecto do conhecimento. Aristóteles, na sua obra *Metafísica* (A.1), entre os outros problemas e aporias

Editorial

de que trata, afirma que a sabedoria (*sophia*) é a compreensão das causas, isto é, a percepção do motivo pelo qual as coisas ou acontecimentos ocorrem de certo modo.

Tal como em relação à Alegria, temos também de considerar a sabedoria religiosa, tão importante na Cristandade que a palavra "sabedoria" foi mencionada 222 vezes no Antigo e no Novo Testamentos, sendo os leitores assim incitados a obter e desenvolver o conhecimento, tanto no Livro dos Provérbios como no dos Salmos. Jesus refere-se-lhe frequentemente e S. Paulo, na 1ª Epístola aos Coríntios (1:17-31), proclama que o saber está aliado ao projecto de Deus, que é contrário ao dos homens. Afirma ainda que há sabedoria secular e divina, incitando os cristãos a procurarem a última pois, embora a sapiência mundana pense que as exigências de Cristo são loucas, para aqueles que são salvos, elas representam a sabedoria de Deus. A sabedoria é uma das sete dádivas do Espírito Santo e S. Paulo, na mesma Carta aos Coríntios (12:8-10), afirma: "A um, o Espírito dá a palavra da sabedoria, a outro, a palavra da ciência segundo o mesmo espírito", falando depois da fé e do dom das curas, incluindo a sabedoria na lista das nove virtudes.

A prudência, que está intimamente relacionada com a sabedoria, tornou-se uma das quatro virtudes cardiais do Catolicismo, que são a Prudência, a Justiça, a Força e a Temperança. S. Tomás de Aquino considerava a sabedoria como "pai" (a causa, a medida e a forma) de todas as virtudes. Na Bíblia, a sabedoria é representada por Salomão, que pede a Deus sabedoria ("Concede-me, então, sabedoria e conhecimento, para que eu possa conduzir bem este povo" 2 Crónicas: 10). O Livro dos Provérbios (1:20), fala de sabedoria para viver e do significado do conhecimento e apresenta o que se pode considerar um programa de educação, baseado na experiência humana. A sabedoria da experiência de vida é aqui personificada numa forma feminina que, numa voz solene e alegre, "grita nas ruas e levanta a voz nas praças, convidando à conversão." Em Provérbios (8:22-31), esta sabedoria personificada afirma: "O Senhor criou-me como primeiro fruto da sua obra, no começo dos seus feitos mais antigos." E diz que foi "estabelecida desde a eternidade (...) antes que a Terra começasse a existir", declarando que estava presente e que participou com Deus na criação, gostando especialmente dos seres humanos. Esta "Dama Sabedoria" tem casa própria e banquete preparado e pretende fazer discípulos a quem diz: "Deixai de ser ingénuos e vivereis; andai pelos caminhos da inteligência". Participar no seu banquete é assimilar sabedoria mas só quem permanece aberto para aprender é capaz de assimilar o conhecimento e encontrar o caminho da realização. (Prov. 9:1-12).

Recuando no tempo, vemos que, na mitologia do antigo Egipto, o deus da sabedoria Saa, cujo



hieróglifo também significava "aperceber-se", "saber" ou "ter conhecimento", representava a personificação do saber e tinha uma ligação com a escrita, tendo, por isso, muitas vezes uma forma antropomórfica que segurava um rolo de papiro, consubstanciando assim as realizações intelectuais.

Relativamente aos dias de hoje, temos de considerar outro problema fundamental que é o facto de o conhecimento poder ser acumulado mas o mesmo não acontecer com o nosso tempo de vida. Por este motivo, o enorme crescimento da informação "potencial", ou primária, força-nos cada vez mais - e em parte graças ao grande progresso da tecnologia informática - a filtrar rapidamente esta informação primária a fim de obter uma informação secundária corrente, compreensível e resumida.

É inegável que o conhecimento científico contribui para um modo melhor de nos vermos em relação ao cosmos e permite desenvolvimentos técnicos e tecnológicos. O modo actual de olhar para a ciência resulta em parte de ter havido uma alteração desde que Max Weber, na sua famosa conferência intitulada "A Ciência como Profissão" (1917)⁵ a via como uma vocação pessoal para realizar uma tarefa que requeria total devoção e assegurava realização pessoal. Do mesmo modo, também o ideal de "formação humana através da ciência", de que falava Wilhelm von Humboldt⁶, ao referir-se a *Bildung*, e a que algumas universidades alemãs ainda aspiram actualmente, se tem vindo a alterar e há uma tendência para o contrariar por ser necessário "criar conhecimento" conscientemente numa sinergia entre profissão, considerada como modo de ganhar a vida, e vocação.

É extremamente vasta a bibliografia sobre o tema do conhecimento mas, entre outros pensadores, destaco, no século XIX, John Stuart Mill e a sua concepção de indivíduo sábio que expôs em *On Liberty* (1859) ao dizer que apenas merece confiança aquele que tem o espírito aberto às críticas das suas opiniões e conduta. Acrescenta que o único modo como um ser

⁵ Max Weber, "Wissenschaft als Beruf", *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* (Tübingen, 1922), pp. 524-55.

⁶ Humboldt desenvolveu as suas ideias sobre a teoria e prática da auto-formação em *Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*, 1791. V. Maria Laura Bettencourt Pires, *Ensino Superior- Da Ruptura à Inovação*, (Universidade Católica Editora, 2007), pp. 53-54.

Editorial

humano pode ter uma abordagem que o leve a saber tudo sobre determinada matéria será ouvir aquilo que é dito sobre o assunto por pessoas com grande variedade de opiniões e estudar todos os modos como o tema pode ser visto. Para Stuart Mill, nenhum homem sábio pode adquirir sabedoria senão desta forma.

Entre os inúmeros intelectuais franceses do século XX que também se debruçaram sobre o assunto, destaco Jean-François Lyotard que, na sua famosa obra *La Condition postmoderne : rapport sur le savoir* (1979)⁷, analisa o modo como a legitimação do conhecimento mudou nas sociedades computadorizadas. Ao referir-se à condição pós-moderna, Lyotard considera que temos uma perspectiva do conhecimento que é fundamentalmente diferente da seguida no Iluminismo, afirmando que, depois de Auschwitz e devido à informatização da sociedade, que passou a ser "pós-industrial", o saber científico perdeu as suas legitimações e transformou-se numa mercadoria informatizada. Lyotard faz uma série de afirmações e recomendações sobre o modo como o conhecimento, especialmente o conhecimento computadorizado, tem de ser legitimado na condição pós-moderna e como deve ser tornado acessível numa sociedade justa.

Tendo em consideração as recomendações de Lyotard e procurando tornar acessível o conhecimento mais recente em várias áreas do mundo académico, desde as Humanidades às Ciências Exactas, neste número da *Gaudium Sciendi* foram incluídos vários artigos de alta qualidade científica que cobrem um amplo leque de temas, constituindo assim óptimo material de leitura e de investigação, que se espera irá contribuir para trazer “a alegria do conhecimento” aos seus leitores.

⁷ A obra *La Condition postmoderne: rapport sur le savoir*, (Paris: Minuit, 1979) foi encomendada pelo Conseil des Universités do governo de Quebec a fim orientar a discussão sobre a incorporação dos computadores no ensino superior.

Editorial

Abstract

An editorial is a text written by the editor and it normally contains a description of the publication. One of its objectives is also to persuade the readers to participate and send articles or book reviews. *Gaudium Sciendi* is an on-line review of Sociedade Científica, which will publish articles on different scientific subjects. Reflecting on the two elements that constitute its title, we see that both "joy" and "wisdom" are two concepts that have been analysed since Antiquity. Joy has inspired writers, like Schiller, and musicians, like Mozart, Beethoven and Schubert. We must also mention the importance of religious joy and the fact that the term is mentioned 222 times in the Bible. We ought as well to consider that wisdom or knowledge, the second word of the title of our review, is frequently referred to in the Bible and that in the Book of Proverbs (8: 22-31) it appears as a feminine figure. Reflecting on current ideas about knowledge, we see that the way we look at science has changed since the Enlightenment or Weber's and Humboldt's perceptions. Among the vast bibliography on the subject, I select Stuart Mill's *On Liberty* and Lyotard's *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*, which refers to the changes due to informatics and recommends that in a just society knowledge should be accessible to all. Having in mind Lyotard's recommendations, for this first number of *Gaudium Sciendi*, I have selected articles from different scientific areas hoping they will constitute an excellent reading and research material that will bring the joy of wisdom to our readers.

